

A poesia oral de um sábio da floresta: fragmentos e diálogos

The oral poetry of a forest sage: fragments and dialogues

Fernanda Cougo Mendonça³

<https://orcid.org/0000-0002-8302-8302>

Resumo: No presente artigo pretende-se trazer à tona fragmentos da poesia oral, daimista, amazônica de Luiz Mendes, um sábio ancião da/na Amazônia acreana. Objetiva-se ainda realizar uma breve análise cultural em diálogo ético com tal repertório (pelo menos com as breves notas que se procura fazer ecoar), entendido aqui como repertório de resistência. O documento oral constitui o cerne da pesquisa realizada e da escrita aqui apresentada; e é em diálogo com ele (e, conseqüentemente, com o narrador e sua cultura) bem como com diversos autores, que se torna possível apreciar questões que dizem respeito às características, relações e embates de/entre linguagens e culturas; oralidades e escrituras; tradições e traduções; memórias e narrativas; corpo, voz, letra, performance.... Enfrenta-se o desafio de (no interior e a partir de um estudo acadêmico) escutar, transcrever, ler, analisar e tecer representações escritas de notas de uma obra viva de poesia oral amazônica ayahuasqueira, sem incorrer no erro de folclorizá-la.

Palavras-Chave: Poesia oral; Amazônia; Ayahuasca/Daime; Performance; Luiz Mendes.

Abstract: This article intends to bring to light fragments of oral poetry, daimista, amazonian by Luiz Mendes, a wise old man from/in the Acre Amazon. It also aims to carry out a brief cultural analysis in ethical dialogue with such a repertoire (at least with the brief notes that they try to echo), understood here as a repertoire of resistance. The oral document constitutes the core of the research carried out and the writing presented here; and it is in dialogue with him (and, consequently, with the narrator and his culture) as well as with different authors, that it becomes possible to appreciate questions that concern the characteristics, relationships

³ Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pró-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre (PPGLI-UFAC). Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa História e Cultura, Linguagem, Identidade e Memória. Projeto de Pesquisa: Patrimônios culturais nas Amazônias e Pan-Amazônia: artes do fazer e do dizer. Artista, brincante e educadora responsável pela Companhia Casmerim: Ação Cultural para o Bem Viver. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4220829879117592>. Contato: cougo.fer@gmail.com



and clashes of/between languages and cultures; orality and scriptures; traditions and translations; memories and narratives; body, voice, letter, performance.... The challenge is faced (inside and from an academic study) to listen, transcribe, read, analyze and weave written representations of notes from a living work of Ayahuasqueira Amazonian oral poetry, without making the mistake of folklorizing it.

Keywords: Oral poetry; Amazon; Ayahuasca/Daime; Performance; Luiz Mendes

Considerações iniciais

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá

mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força

Existem

Nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de Adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam. (BARROS, 1996, p.53)

Em campo senti os encantos do sabiá (ou será que escutei os cantos do rouxinol?). Para mim bastaria a experiência que me proporcionaram. Não sou cientista. Quero antes ser sabiá e “seguir cantando o cantar do rouxinol”⁴. Aqui, porém, o desafio de verdejar.

Cabe destacar que o presente artigo constitui um breve recorte da minha dissertação de mestrado tecida em diálogo com Luiz Mendes do Nascimento - um sábio orador, narrador, poeta da/na Amazônia acreana. Dissertação publicada em coautoria com o ancião (MENDONÇA; NASCIMENTO, 2019) e revisitada neste artigo a partir dos estudos realizados na disciplina Oralidade, Tradição Oral e Literatura Oral do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre⁵.

Impossível será trazer à tona todos os sentidos que o conto de Luiz Mendes aqui transcrito despertou ou desperta. São muitos e estão abertos às refuncionalizações de acordo com cada situação e com a experiência que proporcionam a cada ouvinte (ou leitor). Como afirma Zumthor:

Liberada, portanto, aos caprichos do tempo, a obra poética oral oscila na indeterminação de um sentido que ela não cessa de desfazer e recriar. O texto oral pede uma interpretação também movente. A energia que o sustém

⁴ Referência ao hino nº 1 do “Novo Horizonte” de Luiz Mendes. MENDONÇA; NASCIMENTO, 2019, p.61.

⁵ Ministrada em 2021 pelos professores Dr. Agenor Sarraf Pacheco e Dra. Claudia Vanessa Bergaminie.



e compõe suas formas, a cada performance, recupera a experiência vivida e a integra a seu material. (ZUMTHOR, 2010, p.292)

Além disso, é preciso destacar que a voz do narrador ressoa no interior da doutrina do Daime. A organização da vida de Luiz Mendes e comunidade se dá a partir do uso do referido chá - também conhecido como Ayahuasca (ALBUQUERQUE, 2011) - no contexto ritual implantado por Raimundo Irineu Serra. Seus cantos e narrativas versam sobre experiências cujo eixo central é o Daime, um professor vegetal, e os estados de consciência por ele proporcionados. Tais estados propiciam tanto ao orador quanto aos ouvintes percepções mais aprofundadas ou ampliadas da experiência vivida e/ou narrada-cantada.

Ao procurar realizar a apreciação cultural de um fragmento da poesia/literatura oral de Luiz Mendes, que é ela mesma representação em uma linguagem humana, secular, de vivências profundamente interiores com o sagrado, de suas mirações⁶, muito se esvai. Assim como no caso do registro de memórias cotidianas, não é possível conservar na plenitude o que se foi. Portanto, minhas interpretações nada mais são do que gotas. Gotas do oceano de infinitas possibilidades e insondáveis profundezas que é o Daime (ou a Ayahuasca com seus muitos nomes e usos); ou melhor, gotas da poesia oral daimista de Luiz Mendes. Importa ressaltar ainda que a cultura moderna ocidental,

orgulha-se de ser científica; nossa época é apontada como a Era Científica. Ela é dominada pelo pensamento racional, e o conhecimento científico é frequentemente considerado a única espécie aceitável de conhecimento. Não se reconhece geralmente que possa existir um conhecimento (ou consciência) intuitivo, que é tão válido e seguro quanto o outro. Essa atitude, conhecida como cientificismo, é muito difundida, e impregna nosso sistema educacional e todas as outras instituições sociais e políticas (CAPRA, 2012, p.38)

Assim, dentro dos limites que a escrita de um artigo acadêmico me impõe, enfrento o desafio de escapar à “miopia intelectual, instrumento de um saber que se predispõe à recusa do outro” (ZUMTHOR, 2010, p.42); escapar ao pensamento abissal, à monocultura do saber (ALBUQUERQUE, 2011) fundamentados na ilusão do cientificismo. De lidar com a experiência proporcionada pela poética de Luiz Mendes. O desafio de libertar meus sentidos do opressor que reside em mim (FREIRE, 2014); me libertar de paredes aprisionadoras, e

⁶ Termo nativo para se referir aos estados de êxtase proporcionados, em alguns casos, durante os rituais daimistas.



verdejar como árvores, pois: “poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede: procure ser árvore” (BARROS, 1990, p.212).

Importa destacar que, ancorada na metodologia da História Oral (PORTELLI, 1997), assumi com Luiz Mendes e sua comunidade um compromisso ético e procurei, tanto em campo quanto em minha apreciação escrita, escutar o narrador. E estabelecer com ele, em todas as etapas do processo, um efetivo diálogo. Observo que o ato de transcrição é um ato de escolha (técnica, cognitiva e política) e, portanto, o início da interpretação e a continuação da elaboração de um texto multivocal. E é também uma arte, porque as escolhas são subjetivas, intuitivas; estão ligadas à percepção estética, ao gosto. Assim, como transcritora das performances de Luiz Mendes e coautora do documento oral, procurei formas na escrita (na formatação do texto, pontuação, ortografia...) índices de oralidade, que possibilitassem deixar ressoar os ecos da memória e da voz vivas. Mantenho a fidelidade às palavras de Luiz e vou procurando soluções para essa transposição/tradução do oral para o escrito (BENJAMIN, 1998). Tradução entendida aqui como “tradução da própria língua” (LAROSSA, 2004, p.63); experiência relacionada à mediação, ao transporte, à interpretação de culturas, de contextos, de sentidos no interior de uma mesma língua.

Cabe ressaltar, ainda, que percebo as memórias narradas de Luiz Mendes como artes verbais; poéticas da voz; poesia/literatura oral daimista e amazônica. Suas narrativas não se enquadram em gêneros literários canônicos euro e etnocêntricos, excludentes e exclusivistas. Embora gravadas em entrevistas e conversas cotidianas não as escuto/leio como simples relatos, porque chegam aos meus sentidos como narrativas providas de arte, de poesia e por isso decidi chamá-las de contos. Mesmo que versem sobre suas experiências de vida, experiências cotidianas e extáticas e, portanto, não possam ser tomadas como ficção, elas também não trazem o real vivido porque estão inseridas na linguagem. E dentro dos referenciais aqui adotados a linguagem é, em si mesma ficcional e subjetiva. Terreno de lutas.⁷

A linguagem é uma produção humana, portanto, subjetiva. Assim também é a memória pois quem lembra, lembra sempre a partir de determinado presente. O ato de narrar as memórias é subjetivo; de acordo com Portelli as narrativas são estimuladas e de certa forma adaptadas à presença do gravador e do pesquisador; dependem das intenções deste e do

⁷ Cf. ANTONACCI, 2014. BAKHTIN, 2011. HALL, 2003. PORTELLI, 2010. ZUMTHOR, 2010.



narrador; do diálogo que se dá entre ambos e do contexto em que se dá a “entrevista”. Diálogo e subjetividade que se estendem aos atos de transcrição e análise (PORTELLI, 2010). Bakhtin (2009) e Zumthor (2010) também assinalam que a intenção discursiva e a função exercida por uma narrativa são indissociáveis da relação dialógica estabelecida entre narrador, mensagem, ouvintes e circunstâncias; assim, “um observador não tem posição fora do mundo observado, e sua observação íntegra como componente o objeto observado” (BAKHTIN, 2011, p.332). Nesse sentido, posso afirmar que aquilo que se estabelece entre a pesquisadora, o narrador, sua mensagem e voz, os referenciais teórico-metodológicos e a escrita é um diálogo; uma relação dinâmica, lembrando que, nas palavras do poeta “Para que haja relação é preciso que haja duas ou várias identidades ou entidades donas de si e que aceitem transformar-se ou permutar com o outro” (GLISSANT, 2005, p.45). Dentro dessa perspectiva, lido com múltiplas subjetividades e claro está que não existe a possibilidade (nem a intenção) de oferecer uma descrição ou análise objetiva acerca dos textos e contextos de Luiz Mendes. O que teço são minhas representações.

Fragmentos e diálogos da/com a poesia oral de Luiz Mendes

Considerando que um diálogo exige alternância de falantes, exige escutar o que o outro tem a dizer (BAKHTIN, 2011; PORTELLI 1997), na próxima parte do artigo condido Luiz Mendes ao diálogo para que possamos, de certa forma, escutá-lo a partir da leitura. Lembrando, com Zumthor (2014, p.57), que “a leitura é a apreensão de uma performance ausente-presente”;

A leitura se desenrola sobre o pano de fundo do barulho de voz que a impregna. Para o homem [/mulher] do fim do século XX, a leitura responde a uma necessidade, tanto de ouvir quanto de conhecer. O corpo aí se recolhe. É uma voz que ele escuta e ele reencontra uma sensibilidade que dois ou três séculos de escrita tinham anestesiado, sem destruir. (ZUMTHOR, 2014, p. 60).

Depois de escutarmos o narrador, aí sim, será minha vez de retomar o diálogo colocando a minha própria voz (ainda que escrita); compartilhando as representações/leituras que faço. Antes de narrar o conto⁸ transcrito a seguir, Luiz Mendes estava conversando sobre o destino

⁸ O conto aqui compartilhado foi gravado e transcrito durante a pesquisa realizada e faz parte do livro “Título” (AUTOR, 2019). Fundamentada na metodologia da História Oral, tal como proposta por Portelli (2010), evitando uma hierarquização de saberes (onde comumente prevalece a voz/letra do pesquisador sobre a do



de cada um que, de acordo com ele, “já vem traçado”. Dizia o ancião que é preciso que cada um esteja disposto a percorrer o seu “caminho”, porque “tem os altos, mas também tem os baixos” e “da onde a gente menos espera, daí é que vem”. Falava sobre fortes trabalhos de Daime que teve a oportunidade de participar ainda com Mestre Irineu vivo... fez então uma pausa e começou a contar...

Perseguições: gaviões-urubus e a equipe de pronto-socorro

Luiz Mendes: *Eu te digo, ô, Fernandinha, até dá pra se pensar que não. Mas é verdade. Eu fui muito perseguido. Muito perseguido. [Pausa] Hoje tá mais um tanto, aliviado, né. Até eu chegar, a essa posição. Assim mesmo ainda pejejo muito. Quando dou fé tem besteira por acolá, mas... Eu já fui muito perseguido assim, tanto... é... na coisa em si, materializada, no dia-a-dia, e acho que muito mais, espiritual, né. É uma guerra. É aquela história: “Eu tô no meio. Num vou, mas você também num vai.” É. E eu rompendo! Rompendo essas, essas barreiras, todas, ne. Já fizeram muita coisa comigo, assim, que [pausa].*

Fernanda: *Como assim? Conta aí alguma.*

Luiz Mendes: *He, he, he, he. É tanto que, quando o compadre Chico. Compadre Chico Ribeiro, você conhece o hinário dele. Pelo menos um... né?*

Fernanda: *Sim.*

Luiz Mendes: *Aí ele diz que “Por causa da inveja, é que eu sou perseguido”. E aí eu, a gente é do, contemporâneo, coitadinho, era um, um, um homem muito doente. Desprezível [desprezado] até, deixado da família e pa, pa, pa, pa. Aí julgo... Aí eu, quando eu ouvi esse hino [pausa]. Eu digo: mas será que isso tem, alguma procedência? ... Porque eu olho pra criatura, o que é que se vai, o que é que a gente vai invejar, duma criatura dessa? ... E persegui... Num sei não. Sei quem é que tem inveja dele não. Porque eu procuro, nem acho. Espiritual! Pelo segmento. Né, da pessoa, ele era muito perseguido, mesmo. E aí, também eu tive que provar, na pele. Assim a inveja. Muitas, muita inveja. E aí, armadilhas! De, de, de, de todas as formas, né. Só que eu num, num, num. O meu mestre é tão bom, que num deixava eu, eu cair em nenhuma! Antes de... [pausa]*

narrador) e considerando que conteúdo e forma não estão dissociados, no texto escrito opto por manter as falas transcritas de Luiz Mendes sem recuo e com o mesmo tamanho da fonte do texto geral. Vale lembrar que o referido livro foi publicado em coautoria com Luiz Mendes pois suas narrativas constituem o cerne da pesquisa. Contudo para que o leitor possa visualizar com mais clareza a alternância de falantes no diálogo que proponho no texto, coloco as narrativas colhidas em campo em itálico. Conforme já mencionado na introdução, são escolhas (técnicas, cognitivas e políticas) presentes no ato da transcrição, na constituição do documento oral.



Um dia eu vou num caminho, eu não sei se mirando ou sonhando.⁹ Que o mestre dizia que quando a gente passasse a tomar Daime, o sonho era a mesma coisa que a miração. E é. E é. Às vezes você deixa de mirar, vai sonhar. Até uma passagem assim, pesada, no sonho a gente tem mais condições de, de, de... né. Talvez mirando vá até.... Dar trabalho! Há, há, há, há. Aí é revogado, você faz em sonho. Aí ele disse que é a mesma coisa e é mesmo.

Eu sei que eu entrei num caminho, e lá vai eu, lá vai eu, lá vai eu, lá vai eu... Aí quando eu cheguei láaaa numa distáaaancia... Aí eu ia cansado. Eu me olhava... suado ... e a roupa assim meia suja... Assim c-c-c-co-como gente da mata. Eu sei que eu ia cansado aí tinha um pau assim na beira do caminho. Aí eu digo: “Vou já me sentar aqui e descansar um tanto, né.” Aí quando eu me sentei, que me acomodei, aí escutei um converseiro. Aí lá vem um converseiro. Eu digo: “Lá vem gente! E é muita gente, porque pelas conversas, né.” Eu digo, “vou ver se eles passam aqui e não me veem. Tomara que eles passem aqui e não me vejam.” Ora, eles já vinham era atrás de mim. Quando se depararam, disse:

– Ah! Tá aqui ele!!

Aí eu me espantei assim, aí, lá vem aquele grupo. Olha, o que faziam comigo! ... Eu acho que um bocado fizeram com Jesus. Porque me escarravam... Me cuspiam... Me davam tapa... Isso, cada um passando e tirando um sarro, né.¹⁰ Eu sei que aí eu fiquei ali dentro de uma condição, todo escarrado... todo cuspidado, chega, eu olhava assim, chega, a baba assim... Digo: “Sim senhor! Que canalhas...” Eles passaram e foram-se embora. Eu digo: “Graças a Deus, passou!”

Aí... Quando eu bem num pensei, lá vem de novo! O mesmo converseiro voltando! De lá pra cá, né. O mesmo grupo. Aí já vinham feito assim um, um, um, uns gavião.¹¹ Com aquelas garras! Assim:

– Ah! Mas ele inda tá aqui!!?

Aí já era diferente. Cada um passava e levava um músculo. Outro passava e me levava... eu sei que terminaram me, me, me descarnando todinho, né... Cada um levava um, um pedaço, né... Aí que eu bem num pensei, que eu olhei assim! Só tava a caveira. Eu digo: “Valha-me! Nossa Senhora... E agora?” Aí já fiquei foi com medo de me mover, porque uma caveira, eu digo, me movendo aqui, aí espedaça tudo, e aí, caba tudo!

Aí foi justamente o que aconteceu. Quando eu bem num pensei, aquilo despencou! Aí aquela caveira se desfez.¹² [Pausa] Eu via o

⁹ Em outra conversa (gravada em 30/07/2014) Luiz disse que havia tomado Daime e entrado numa miração. E contou essa mesma história, com algumas variações.

¹⁰ Na outra gravação desse conto, há alguns acréscimos dessa parte, quando ele diz: “No mínimo, tinha deles que tirava a roupa e dava um peido mesmo na, na minha venta. É ‘púm’! Outros passavam escarravam, me cuspiam, chega eu via aquele babeiro descendo. Outros, outros passavam e, e, e me davam aqueles beliscão danado e, passando aquilo ali, eu aguentando aquilo ali tudo, né?” (Luiz Mendes, 30/07/2014).

¹¹ Na outra gravação já referida, ao invés de gaviões ele diz “Urubus”.



fêmur, as costelas... O crânio... Tudo! Espedaçou tudo! Ai digo [rindo]: “agora sim... mas me aprontaram mesmo, né”. Ai, fiquei ali, naquele meio... Ai quando eu, escutei uma voz dizer assim:

Eu quero o homem refeito!

Quando disse assim “Eu quero o homem refeito” ai la vem umas enfer, vem chegando umas enfermeiras, uns médicos! ... Um pessoal da equipe, de saúde! Tudo com, com, é, é, aqueles aprontamentos próprios, de hospital, né. Com uma malotinha dum lado. E ai... Estenderam uma mesa assim, ai começaram, a juntar! E, aquilo demorou, mas, acho que é no trabalho que demora, que aquilo é logo! Ai foram juntando, juntando, juntando, junta por junta, quando eu bem num pensei ai, eu olhei, ai já vi a caveirinha. Toda montada, né. Eu digo “Mas, e agora?”. Ai, justamente, ai, começa, começaram trazer aqueles músculos, ó, os órgãos! Isso saiu tudo né. Aqueles órgãos assim chegando. O certo é que ai, quando foi lá prumas tantas, que me procurei, também fui saindo daquela, fui me encontrando tava inteirinho! He, he, he, he,

Fernanda: *[Rindo] Que bom né?! Mas assim, ai o senhor, na época né... Isso tinha alguma correspondência com alguma coisa que tava acontecendo? ... O senhor fez alguma ligação assim?*

Luiz Mendes: *É. Sempre é. Sempre é, né. Até pra gente tomar conhecimento. Com um bocado. Aquele, esse pessoal, que eu, eu... eu conheci tudinho! Eu sabia tudinho quem era! E eu num tava nem indo lá fora não! Tudo de dentro, da, da irmandade. É um troço! Eu nem entendo, como é que é isso. [Pausa] Uns invejosos... Mas ai, graças a Deus, a gente sempre vai vencendo!*

(Comunidade Fortaleza, Capixaba/Acre. 17/03/2015)

Breve apreciação cultural

Em suas artes verbais, como intérprete e tradutor de mundos, *seu* Luiz é também um contador de histórias; assim como o são os pajés e vegetalistas amazônicos; os sábios africanos; os intérpretes medievais. (MACRAE, 1992; HAMPATÊ BÁ, 2003; ZUMTHOR, 1993). Dentre os contos apreciados na dissertação/livro é possível identificar aqueles onde Luiz versa sobre suas memórias cotidianas, mas também aqueles onde conta histórias de suas experiências com o Daime. Em ambos os casos são memórias de experiências vividas e ancoradas em seu corpo e divulgadas/reatualizadas por suas palavras, por sua voz. Como observamos no conto aqui transcrito não ocorre, porém, uma separação abrupta, sendo que memórias/vivências/ histórias cotidianas e extáticas intercambiam. A poesia oral de Luiz Mendes se aproxima do que Langdon (2002, p.70) chama de “tradição poética e

¹² Também na outra gravação nessa hora ele diz: “aquela ossada se discambembou.” Faz uma onomatopeia e gestos de ossada “discambembando”.



performativa” entre os índios Siona se referindo às suas narrativas sobre experiências com o *yagé* (Ayahuasca). A pesquisadora descreve que, em sua pesquisa/convivência entre tais indígenas, passou “dias e dias ouvindo relatos de seus xamãs míticos e históricos, de suas experiências pessoais com o *yagé*, dos voos xamânicos pelo outro lado da realidade, dos sonhos e de seus encontros ameaçadores frente ao mundo invisível” (LANGDON, 2005, p.17). Assim também eu com Luiz.

Nessa arte de contar histórias a respeito de realidades não ordinárias destaquei, no presente artigo, o conto “Perseguições: os gaviões-urubus e a equipe de pronto-socorro”. Relembrando e contando um pouco de sua trajetória e marcando o lugar de onde fala hoje (mestre conselheiro do Centro Eclético Flor do Lótus Iluminado - CEFLI¹³, padrinho Luiz da Fortaleza, querido por sua grande família espiritual) *seu* Luiz chega, ao longo de nossa conversa, em um tema grave: perseguições. O narrador afirma que já foi muito perseguido e, até hoje, quando “da fé” “tem besteira por acolá”. De acordo com sua explicação, são invejas que impulsionam guerras, estabelecem barreiras, tanto no plano material quanto no espiritual posto que eles não estão, em sua visão de mundo, desconectados. Perseguições ocasionadas pelo que entendo ser aquela incapacidade de abrir-se ao outro; a ânsia de marcar territórios, estabelecer fronteiras e hierarquias - tal como destacadas por Glissant (2005) em sua Poética da Diversidade. *Seu* Luiz afirma que, em sua trajetória foi rompendo essas barreiras... Mas recorda: “Já fizeram muita coisa comigo, assim, que [pausa].”

No breve momento de silêncio que se fez, o narrador me pareceu absorto em suas lembranças. Seu olhar se tornou distante dos ouvintes/interlocutores. A pausa na conversação foi interrompida por uma pergunta que fiz no intuito de provocar, ou trazer à tona suas memórias. Sorrindo e, a exemplo do narrador benjaminiano, contextualizando a história que iria contar, Luiz remonta ao hino e à vida de seu contemporâneo Francisco Ribeiro “Por causa da inveja, é que eu sou perseguido”. Diz o narrador: “Aí eu, quando eu ouvi esse hino [pausa]. Eu digo: mas será que isso tem, alguma procedência? ... Num sei não. Sei quem é que tem inveja dele não. Porque eu procuro, nem acho”. E então afirma que, para acreditar nas palavras de seu companheiro teve que provar “na pele” as perseguições e armadilhas dos invejosos. Mas afirma ainda que seu bom Mestre nunca lhe deixou cair em nenhuma. E nesse ponto começa a história dos urubus. E que história! Talvez de miração, talvez de sonho, não

¹³ Centro daimista fundado por Luiz Mendes; sede localizada na comunidade Fortaleza, zona rural de Capixaba/Acre.



se recorda mais, até porque para ele não importa muito pois “o Mestre dizia que quando a gente passasse a tomar Daime, o sonho era a mesma coisa que a miração”.

Chama atenção a formação de imagens suscitada, a plasticidade da narrativa. Minha impressão como ouvinte foi a de estar assistindo a um filme com um roteiro fantástico que, performatizado por Luiz Mendes, com as modulações rítmicas e tonais de sua voz, onomatopeias, olhares, expressões corporais/faciais, reflexões, risos e lamentos, prendeu minha atenção do início ao fim e me deixou com a sensação de “quero mais”. Impressiona a capacidade de memória do narrador; a descrição de detalhes das cenas vividas, sentidas “na pele”, mesmo que em sonho ou miração. Dos diálogos travados, das impressões/sensações experimentadas; dos personagens, atos, figurinos, cenários... Enfim, me parece que estou diante do que Hampâtê considera uma memória fotográfica-auditiva; e não se trata aqui apenas de recordar, “mas de trazer ao presente um evento passado do qual todos participam, o narrador e a sua audiência” (HAMPÂTÊ BÁ, 2010, p.208).

Destaco também a linguagem simbólica, metafórica do sonho/miração que permite ao narrador, em um estado de consciência não ordinário, perceber a realidade cotidiana por outros ângulos. *Seu* Luiz está ciente que aquelas imagens e personagens são símbolos que ele deve/pode traduzir para melhor apreender os sentidos da experiência. Dentro dessas metáforas, noto que tempos e espaços são relativizados. Se trata de uma experiência mística que não pode ser, e não é, desvinculada de quem a vive e de seu dia-a-dia. E, parafraseando Benjamin (1994, p.210) é justamente dentro dessa urdidura que une os fios dourados do sobrenatural aos fios coloridos do cotidiano que *seu* Luiz vive, compreende e narra seus sonhos/mirações.

Alguns exemplos ilustrativos de imagens suscitadas; de símbolos e correspondências: o caminho pelo qual ele andava na floresta; os urubus ou gaviões que representavam pessoas da irmandade... os invejosos; o corpo dilacerado, com discriminação dos órgãos e ossos e com uma cabeça, que mesmo dele apartada, olhava, pensava e escutava; a equipe de saúde que, a mando de uma voz superior, veio lhe atender com vestimentas e instrumentos característicos de uma medicina “convencional”, entre outras. Imagens que podem se desdobrar em múltiplas interpretações. São imagens, situações, tempos e espaços percebidos/vividos por Luiz Mendes, em um “estado ampliado de percepção consciente” (CAPRA, 2012, p.37) e que ele traduz em palavras, gestos, tons; em uma poesia (literatura) oral; em um texto para ser



falado/ouvido/presenciado. Um texto que nasceu de uma experiência viva, gravada no corpo-memória do narrador, traduzida como performance para os ouvintes e retraduzido para a escrita pela pesquisadora.... Com certeza muito se perde.... Mas também muito se ganha, posto que, não fossem as traduções em diferentes linguagens a experiência morreria com quem a viveu. Luiz Mendes, ao contar suas histórias/memórias parece vivenciá-las outra vez.

A performance me faz, de certa forma, sentir junto com o narrador aquelas emoções vividas/lembradas/ contadas – as afáveis e as desagradáveis. A impressão que a narrativa causa é tão cativante que, mesmo ouvindo-a inúmeras vezes durante o processo de transcrição ela não se torna enfadonha. Posso apreender novos ângulos, novos sentidos. Pela refuncionalização da mensagem poética oral (ZUMTHOR, 2005, p.86-88) pela liberdade de interpretação que a narrativa permite (BENJAMIN, 1994, p.203) a experiência do narrador se torna a experiência dos ouvintes. E quem sabe assim também possa ocorrer, em diferentes graus, com os leitores. Cabe destacar, contudo, a importância do “grupo ao qual o texto se dirige. Fora desse grupo, o sentido esvai-se: texto é texto para aqueles que o esperam e, de certo modo, dele têm necessidade” (ZUMTHOR, 1993, p.226).

Luiz Mendes, ancião daimista, ao narrar suas histórias vividas, cotidianas ou extáticas, exerce a função social que lhe é própria: a de lembrar; de atuar como homem-memória; aquele conhece, lembra, narra e mantém viva a memória da comunidade em que está inserido (HAMPATÊ BÁ, 2003; 2010). Ao recordar e narrar a partir do presente as experiências passadas, ele atribui sentidos e as faz significativas para si e para os que o escutam. Estou diante do “movimento peculiar à memória do velho que tende a adquirir, na hora da transmissão aos mais jovens, a forma de ensino, de conselho, de sabedoria, tão bem esclarecida na interpretação que Walter Benjamin fez da arte narrativa” (BOSI, 1994, p.481). E no caso dos contos de Luiz Mendes essa arte de narrar se amplia fazendo parte do que Langdon (2002) chama de “tradição narrativa da Ayahuasca”. Ou ainda do que Pizarro (2015) entende por “literatura amazônica”: literatura produzida *na* “Amazônia” que, de acordo com a pesquisadora, pode ser exemplificada pelas narrativas orais constituídas a partir da Ayahuasca (com seus muitos nomes e usos), onde a vida é perpassada por diferentes formas de percepção e ocorre uma transposição de linguagem. Uma linguagem narrativa que incorpora outras formas de mundo, ou outros mundos, outras cosmologias. Pizarro a diferencia de uma literatura escrita fora da “Amazônia” e que versa *sobre* ela. No caso, literatura de tema



amazônico, produzida a partir de um olhar externo que, na maioria dos casos, folcloriza as Amazônias, suas culturas e habitantes.

De acordo com Zumthor, o termo folclore é empregado por uma “elite literária” consolidada a partir da modernidade ocidental para qualificar o seu Outro. Elite culturalmente etnocêntrica que funda a “literatura” como instituição totalitária onde prevalece a hegemonia da escrita e dos modelos socioculturais do dominador europeu (governantes, burgueses, colonizadores...). Cria-se e difunde-se um discurso totalitário que veicula uma visão de mundo que serve aos interesses dominantes. Discurso que traça estratificações e oposições binárias tais como “erudito” x “popular”, “literatura” x “o resto” (ZUMTHOR, 1993; 2005; 2010). Corpos e vozes foram, e continuam sendo, ativamente marginalizados; tidos como algo “distante” (no tempo e no espaço); “atrasado”, “popular”. Seus saberes e práticas culturais tomados como objetos de adorno da “cultura nacional”. Alegorias que não exercem mais nenhuma função social. São, enfim, folclorizados.

Por isso Zumthor (2005; 2014) descarta a expressão literatura oral para assumir o termo poesia oral. Compartilho de suas proposições. Mesmo que nesse artigo a expressão literatura seja algumas vezes utilizada, ela não deve ser lida como adjetivo, em oposição aos “cânones literários”. Deve ser apreendida como múltiplos textos que fazem parte de culturas vivas; que trazem à tona vozes aviltadas, silenciadas; “*performances* e literaturas insurgentes que vêm abalando o predomínio norte ocidental com seus sistemas de avaliações e classificações” (ANTONACCI, 2014, p.333). Enfim, ao invés de ser lida a partir das lentes etnocêntricas, essencialistas e dicotômicas da modernidade norte ocidental (“alto ou baixo” “popular ou erudito”, “escritura ou oralidade”, “centro ou periferia”, “memória ou história”, etc.) a poesia oral amazônica-daimista que procuro fazer ecoar neste artigo, ainda que em notas, passa a ser lida como “repertório de resistência” (HALL, 2003, p.229).

Considerações finais

Mergulho em notas/fragmentos da voz poética e arte das palavras praticada pelo orador do Mestre Irineu. E me deparo com relações entre (e questões sobre) linguagens e culturas; oralidades e escrituras; corpo, voz, performance, memória.... Importa lembrar que os cantos e contos de Luiz Mendes estão diretamente relacionados com suas experiências e memórias vivas, dinâmicas, que têm como único suporte o seu corpo. Corpo que realiza suas



performances. E cada performance é uma “obra de arte única, na operação da voz” (ZUMTHOR, 1993, p.240). Uma obra viva que só existe naquele aqui/agora, na presença de intérprete e interlocutores, onde “o som vocalizado vai de interior a interior e liga, sem outra mediação, duas existências” (ZUMTHOR, 2010, p.13). Obra viva que não pode ser desvinculada de seu contexto (no caso, a doutrina do Daime, mais especificamente a irmandade do CEFLI) e da função que ali exerce. Obra que abrange, além de palavras, risos, gestos, sons, expressões, tons, ritmos, texturas e etc. Nela tudo acrescenta significado ao texto, “tudo é linguagem” (ZUMTHOR, 1993, p.229).

Em poéticas e políticas orais o corpo fala, não só porque a voz emana do corpo, que emite sons, ritmos, sinais, pulsações, mas porque a memória oral faz do corpo seu suporte. Torna-se possível dizer que o corpo se constitui em texto, por onde transitam experiências e narrativas encarnadas, com práticas corporais mentalizadas e imersas na subjetividade e história de corpos comunitários. (ANTONACCI, 2014, p.62)

Ciente da impossibilidade de trazer aqui a totalidade/vivacidade da performance, e ouvindo o alerta do poeta ao assinalar que “poesia não é para entender” (BARROS, 1990, p.212) não pretendi explicar a narrativa contemplada. Até porque “o texto poético oral, na medida em que engaja um corpo pela voz que o leva, rejeita, mais que o texto escrito, qualquer análise. Essa o dissociaria de sua função social e do lugar que ela lhe confere na comunidade real” (ZUMTHOR, 2010, p.40). Assim, procurei traduzir para a escrita os sentidos que o conto em mim despertou. Traduzir minhas impressões como ouvinte/transcritora diante das experiências vividas/memórias encarnadas de Luiz Mendes, por ele narradas. Lembrando que a tradução é “inerente à expressão e à compreensão humana, a qualquer forma de intersubjetividade, e existe tradução de uma língua à outra, mas também de um momento a outro da mesma língua, de um grupo de falantes a outro e, no limite, de qualquer texto (oral ou escrito) a seu receptor” (LARROSA, 2004, p.72). Lembrando também que a performance, aberta às refuncionalizações de acordo com os ouvintes e as circunstâncias em que é simultaneamente pronunciada e percebida exige uma interpretação nômade (ZUMTHOR, 2010). Quanto mais a poesia oral ayahuasqueira ou, especificamente aqui, a poesia oral daimista de Luiz Mendes, um sábio da floresta que faz soar os cantos do rouxinol; os encantos do sabiá...



Importa destacar que, ciente dos embates culturais, políticos presentes na linguagem, as noções de oralidade/escritura, popular/erudito, memória/história, sagrado/profano, saber/ciência são compreendidas aqui como construções sociais (em disputa). Assim, no processo da pesquisa e escrita procurei me distanciar de binarismos opostos, hierarquizantes e excludentes, da busca por origens, identidades ou culturas puras; de modelos homogeneizantes e etnocêntricos de pertencimento cultural; de discursos forjados pela lógica da modernidade colonizadora e eurocêntrica que somente se coloca em relação ao Outro para excluí-lo ou subordiná-lo. Nesse processo, procurei me aproximar das pessoas e de suas identidades fluidas e intercambiáveis, suas práticas culturais e linguagens que sutilmente subvertem padrões hegemônicos e que podem contribuir para ampliar as paisagens poéticas, para descolonizar os imaginários. Me aproximo, pois, de oralidades e práticas culturais amazônicas, literaturas insurgentes, repertórios de resistência. Mais especificamente me aproximo de, e procuro dialogar com, Luiz Mendes; suas linguagens e identidade, textos e contextos, memórias e narrativas, saberes e fazeres; voz, performances e poéticas. E, em contato/diálogo com esse ancião conhecido como o orador do Mestre Irineu me proponho, então, a revistar uma dimensão da sua literatura e cultura daimista amazônica.

E procurando me manter em sintonia com os versos do poeta nas miudezas trazidos na abertura deste artigo; procurando verdejar em minhas pesquisas e escritas acadêmicas, mantendo os ouvidos abertos, concluo atenta ao alerta de Hampâtê:

A condição mais importante de todas, porém, é saber renunciar ao hábito de julgar tudo segundo critérios pessoais. Para descobrir um novo mundo, é preciso saber esquecer seu próprio mundo, do contrário o pesquisador estará simplesmente transportando seu mundo consigo ao invés de manter-se “à escuta”. (HAMPÂTÊ BÂ 2010, p. 212).

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Bethânia Barbosa. **Epistemologia e saberes da Ayahuasca**. Belém: EDUEPA, 2011.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2ª ed. São Paulo: Educ, 2014.

BAKHTIN, Michail Mikhailovich (Volochninov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 13ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.



BAKHTIN, Michail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARROS, Manoel. **Gramática expositiva do chão**: poesia quase toda. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1996.

BENJAMIN, Wlter. A tarefa do tradutor. *In*: BRANCO, L. C. (Org.) **A tarefa do tradutor de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas, volume 1. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. 30ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 57ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora, UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **Dá diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HAMPATÊ BÁ, Amadou. **Amkoullel**, o menino fula. Tradução de Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Pala Athena/Casa das Áfricas, 2003.

HAMPATÊ BÁ, Amadou. A tradição viva. *In*: **História geral da África I**: metodologia e pré-história da África/editado por Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010.

LANGDON, Esther Jean. A tradição e aprendizagem com yagé (ayahuasca) entre os índios Siona da Colômbia. *In*: LABATE, Beatriz, C; ARAÚJO, Wladimir, S. (org.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LANGDON, Esther Jean. Prefácio. *In*: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lúcia (org.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACRAE, Edward. **Guiado pela Lua**: Xamanismo e uso ritual da Ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MENDONÇA, Fernanda Cougo. NASCIMENTO, Luiz Mendes. **O Orador do Mestre Raimundo Irineu Serra**: diálogos, memórias e artes verbais. Rio Branco, AC: Neplan, 2019.



PIZARRO, Ana. Intercâmbios oralidades/escritas em patrimônios linguísticos e literários amazônicos-latino-americanos. In: **IX Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental**. PPGLI-UFAC, Rio Branco, Acre, 11 de novembro de 2015. Registro da conferência.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto de História**. São Paulo: PUC, nº 15, p.13-50, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo**: entrevistas e ensaios. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: A “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

[Recebido: 10 fev 22 - Aceito: 16 jun 22]

